

# OS VELHOS OLHOS VERDES

**OU AZUIS?** Sem que haja um consenso sobre a real cor de seus olhos, o compositor Chico Buarque admite que seu futuro é a literatura e garante que suas músicas estão cada vez melhores. Aos 54 anos, ironiza a velhice que se aproxima enquanto se prepara para ser avô pela segunda vez





**D**e Chico Buarque, todo brasileiro sabe pelo menos uma música. Ou duas. Ou três. Ou um punhado. Sabe também que sua principal marca é a timidez. Depois, obviamente, dos profundos olhos verdes. Ou não seriam azuis? Seu empresário Vinícius França não tem dúvidas. “Os olhos dele são verdes.” Mesma opinião da filha Sílvia Buarque. O cineasta Bruno Fernandes, marido de Sílvia, rebate. “Claro que são azuis.” A ex-mulher Marieta Severo é categórica. “São verdes”. Mais detalhista, a irmã Miúcha fica em cima do muro. “Nem um nem outro. São os dois. Se ele bota uma camisa azul, os olhos ficam azuis.” Para atizar a polêmica cromática, Miúcha traz à baila uma confusão histórica a respeito do tema. “Quando Chico tinha 17 anos e foi preso, o escrivão, também na dúvida, cravou olhos cor de ardósia.” Chico, claro, mantém a discrição, o enigma e o charme. E vota em branco. “Não sei se é verde ou azul.” Alheio às especulações, ele surpreende com mais um álbum, coisa cada vez mais rara em sua discografia de 32 trabalhos. Na capa de *As cidades*, do artista gráfico e cenógrafo Gringo Cardia, aparece como negro, japonês, índio, loiro e mestiço. Suas inquietações também são variadas.

Aos 54 anos e há cinco sem lançar um CD solo, o homem que viu a banda passar medita sobre o envelhecimento, a perenidade de sua vasta obra musical e a melhor bola para dar de presente ao neto Francisco. “A maturidade não é saudável. A velhice é uma merda”, cai na gargalhada o Vô Ico, prestes a ganhar mais um neto, Clara, segunda filha de Helena Buarque de Hollanda e Carlinhos Brown. Saindo dos lábios finos do maior símbolo sexual e intelectual das mulheres brasileiras, a análise pode soar amarga. Nem tanto. A belíssima canção *Você, você*, do novo CD, feita em parceria com Guinga, nasceu da visão do netinho no berço enquanto a mãe Lelê se aprontava para sair e deixar o pequenino aos cuidados do vovô. “Não tenho dúvidas de que componho melhor hoje.”

Mas a aposentadoria, como a de Dorival Caymmi, não anda longe dos pensamentos de Chico. “É curioso como a publicação de meus livros *Estorvo* e *Benjamim* aumentou meu rigor nas letras e me convenceu que uma canção é uma canção”, afirma o compositor. “Se quiser falar de mais coisas, tenho a literatura. Não penso em parar agora, mas estou me preparando para ser um dia abandonado pela música”, confessa. A angústia do amadurecimento se fez presente em *Xote de navegação*, uma das sete músicas inéditas das 11 faixas do CD. “O tempo está ficando curto”, diz Chico, que se recusa a ter Internet em casa. “Chego a ficar 40 minutos jogando paciência e campo minado antes de trabalhar no computador. Com a Internet seria uma loucura, sei que me viciaria.” Entretanto, a velhice não está sendo cruel com o artista. Enxuto, saudável e em forma, Chico Buarque continua tendo fôlego para jogar bola três vezes por semana no campo do



**MULTIRRACIAL**  
Trabalho de Gringo Cardia para o CD funde o rosto de Chico a várias etnias

PEDRO AGLISON



ADRIANA ZEBIBALSKAS/FOLHA IMAGEM

**“Aposto que ele nunca trocou minhas fraldas. Ele não é de entrar numa loja para comprar roupas. Minha mãe sempre cuidou do vestuário dele e nunca o vi de gravata”**

Sílvia Buarque, atriz e filha

seu time, o Politeama. As peladas sustentam alguns vícios mundanos como o cigarro, quase um maço por dia, o cafezinho, beirando a dezena diária de xícaras, e um bom vinho francês ou italiano. Na mesa, um caprichado macarrão ao pesto, sempre preparado por ele mesmo com azeite siciliano, de preferência. Também faz um espagete à carbonara. E só.

Carioca de nascimento e paulista por adoção, já que morou boa parte da vida em São Paulo, o agora solteiro Chico Buarque está de mudança. Fã do mar, comprou um apartamento no Leblon.

Mas não vendeu o que tem em Paris, perto do Beaubourg, nem a casa de Petrópolis. “Vou a Paris como vou a Petrópolis. Lá o telefone não toca e a cidade é boa para caminhadas”, conta. “Ando tanto que quem me vê deve achar que é vagabundagem. ‘Olha o Chico lá flinando!’ Mas não me considero parisiense. Afeto por afeto, sou mais Roma, onde morei na infância.” Contudo nem a capital italiana nem a francesa foram homenageadas no novo álbum.

**“Quando foi preso, o escrivão registrou que ele tinha olhos cor de ardósia”**

Miúcha, cantora e irmã



JANEETE LONGO/FOLHA IMAGEM

**“O Chico entende de alma feminina. É um gato, mas não sou tiete por aí”**

Zizi Possi, cantora



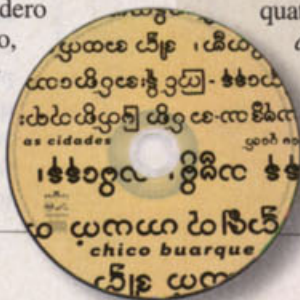
REPRODUÇÃO/AVE

“As cidades do disco são sonhadas, irreais. Mesmo o Rio de *Carioca* não é real”, observa Chico, que herdou do curso inacabado de Arquitetura a mania de desenhar cidades imaginárias. Além do CD e de uma página oficial na Internet, um novo songbook, mais amplo do que o já publicado com 50 músicas, está sendo preparado por Almir Chediak. Serão quatro livros, 220 canções e mais oito CDs com 14 faixas cada um. O trabalho é árduo. Depois da pelada, Chico costuma chamar Chediak para revisar as letras. Passam duas horas concentrados, regados a cafezinho e cigarro. “Ele é um grande melodista, como Noel Rosa e Ary Barroso, e a cada dia está mais exigente”, elogia Chediak. Outro profundo conhecedor de música, o pianista Arthur Moreira Lima mostra satisfação ao saber do esforço de Chico Buarque em se dedicar ao estudo teórico. “Ele sempre se considerou mais poeta que músico. Porém, consigo um peso ideal entre palavra e música. Se tivesse se dedicado então...”, elogia Arthur, que não tem papas na língua. “O único e grande defeito de Chico Buarque é torcer pelo Fluminense, como eu. Talvez o sofrimento seja inspirador”, teoriza.

**Sofredor** Se é, Chico esconde. Apesar de apaixonado por futebol, a ponto de ficar mais irado com críticas ao seu modo de jogar do que com a maneira de cantar, garante ter abandonado o tricolor das Laranjeiras. “O último time que acompanhei foi o do tricampeonato carioca, com Assis e Washington, em 1985.” A verve futebolística do artista se manifestou durante a Copa do Mundo, quando ele foi colunista dos jornais *O Globo* e *O Estado de S. Paulo* durante 40 dias. “Uma maravilha. Vi todos os jogos do Brasil.”

## Síntese da elegância

Chico Buarque tem razão. Está mais rigoroso esteticamente e não produz tanto quanto antes. O novo CD, *As cidades*, é prova cabal. Das 11 músicas, quatro já são conhecidas – *Chão de esmeraldas*, feita para uma homenagem à Mangueira no Carnaval, *Assentamento*, presente no livro de fotos de Sebastião Salgado, *Aquela*



**PRAZER COTIDIANO,** sequência do videoclipe da canção *Carioca* em que ilustra sua atual predileção pelo vinho



REPRODUÇÕES DE TV

O rebuliço que causava na tribuna de imprensa, principalmente entre as jornalistas, era tanto que ele virou notícia até ao frequentar a fila do xixi no estádio de Nantes. Fora do mundo masculino das arquibancadas, seu poder de sedução é mais certo. A atriz Patrícia França, por exemplo, assume ser uma fã. “Os olhos azuis, o jeito manso de cantar, a forma de falar das mulheres e o ar desprotegido de Chico são irresistíveis”, elogia Patrícia. Qualidades semelhantes são lembradas pela cantora Zizi Possi. “No meu fichário da escola, havia uma foto do ator Leonard Whiting, do filme *Romeu e Julieta*, e outra do Chico”, lembra Zizi. “Ele é um gato, sem dúvida, mas não sou tiete por aí e sim pelo todo do homem que ele é. Entende da alma feminina direitinho”, garante Zizi, que o chamou para parceiro em *Aema e Core*, de seu novo disco em italiano. Não é à toa que a professora Adélia Bezerra de Menezes acaba de finalizar o livro *O eterno feminino: modulações na canção de Chico*. Doutora em teoria literária pela Universidade de São Paulo-USP, Adélia publicou em 1982 sua tese de doutorado, *Desenho mágico*. Trata-se de um mergulho profundo das letras de Chico Buarque de Hollanda. Ela não o conhecia na época e no dia em que obteve o título de doutora, recebeu



PEDRO AGLIOLIN

*mulher*, da trilha do filme *Ópera do malandro*, de 1983, e *A ostra e o vento*, do filme de Walter Lima Jr. Sobram sete inéditas. Apesar da badalação em torno de *Carioca*, escolhida para música de trabalho e já transformada em videoclipe, Chico brilha mesmo é em *Você, você*. Com arranjos e regências do refinado Luiz Cláudio Ramos, o CD *As cidades não é um vôo em busca de novos caminhos*. É a síntese da elegância sincopada de um gênio da MPB.

um telefonema. “A Adélia está?”, perguntou a voz do outro lado da linha. “Quem é?”, devolveu um amigo da autora. “É a tese”, respondeu Chico, demonstrando seu bom humor peculiar e oculto para o grande público.

Mais um sinal de que o folclórico acanhamento é mais alardeado que verdadeiro. “Nunca fui nem um pouco tímido. Só acho que não tenho que ficar falando de tudo o tempo todo”, explica. Bem diferente do jeito explosivo de Caetano Veloso, com quem dividiu um programa de televisão na Rede Globo em

1986. Com a palavra, o baiano: “O Chico é muito fechado. Costumo mostrar mais as minhas músicas a ele do que o inverso”, confessa Caetano. A irmã Cristina Buarque explica a espécie de herança genética por trás dos famosos olhos verde-azulados. “Ele não é tímido, é um jeito da família. Mas que ele fica vermelho quando recebe elogios, ah fica”, de dura Cristina.

Por ser muito reservado e sofrer com as habituais invasões de privacidade, Chico cortou um dobrado no começo do ano. Foi enredo da escola de samba Manguei-

ra e se separou em outubro de 1996 da atriz Marieta Severo, com quem estava casado havia 30 anos. Equipes de jornal chegaram a fazer plantão 24 horas por dia na frente do prédio em que mora em busca de um flagrante qualquer. Foto de Chico comprando pão com uma camiseta da Mangueira garantia uma primeira página. Como toda separação, a sua com Marieta provocou várias especulações amorosas. As fofocas abalaram o casal, até hoje unido por afinidades indissolúveis, respeito e, claro, os netos que vão nascendo. Mesmo quem está sempre por perto, como Vinícius França, empresário de Chico e meio-campo do Politeama, não notou muita diferença. “Eu até esqueço que eles se separaram. É uma coisa só, uma amizade muito profunda”, comenta França. No Natal que se aproxima, a família toda voltará a se reunir. A produção costuma ser da própria Marieta. Este ano, infelizmente, o famoso arroz com ceveja não entrará no cardápio. A responsável pelo prato, tia Nona, faleceu. Vinho não vai faltar. “Já bebi muito. De tudo. Agora só vinho”, conta Chico. Quando faz show, uma garrafa sempre o aguarda ao final do espetáculo. Porém, evita virar um especialista. “Peço sempre conselhos, senão fica chato.”

**Pai coruja** Bom ouvido em todos os sentidos, ele não é de rejeitar sugestões amigas. Atualmente, quem mais palpita em seus arranjos e composições é o maestro Luiz Cláudio Ramos, lateral do Politeama. Chico não é radical. O que exige é paz. Sua inspiração é irmã gêmea da madrugada. Sofre de insônia e é capaz de deixar uma letra em aberto até a hora da gravação no estúdio. Em *Chão de esmeraldas*, trocou na última hora a palavra *formosa* por *garbosa*. Dentro de casa também sempre foi dedicado. Como pai, Chico agradava as filhas Silvia, Helena e Luisa, com cari-

nho e musiquinhas. Ligeiramente frustrado por não ter tido um filho homem – o famoso Pedro que não nasceu – conseguiu que as duas primeiras fossem tricolores. Mas a caçula Luisa capitulou. É rubro-negra. Para tristeza do pai, que apesar do jeito *blasé* como trata seu Flu, deixou escapar que a estrofe “tem samba no Flamengo”, da nova música *Carioca*, faz referência ao Aterro do Flamengo e não ao clube. “Você acha que eu vou dar mole para o Fla-

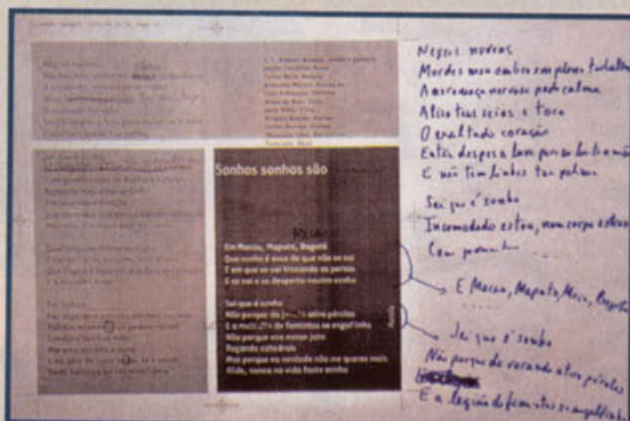
as festinhas juvenis. “Ele é tão lúdico que, certa vez, para me ajudar numa prova de geografia, fez uma música com a lição para eu decorar. *Existem tantos municípios e tal e tal, larilá...*”, relembra Silvia, que nas horas mais íntimas vira Silveirinha para o pai.

O velho Chico nunca deu palmadas e sempre foi muito observador. O homem é tão bem-humorado que tem tirado de letra a polêmica em torno de um comentário do presidente Fernando Henrique sobre seu suposto estilo repetitivo de crítica. “Ele é um político. Amanhã fala outra coisa diferente”, ironiza o artista. Porém, o mais novo boato da praça é de que a música *Injuriado*, última a entrar no disco, tinha como destinatário o sociólogo do Planalto. Na letra do sambinha, o possível recado: *Não alimentei o seu gênio ruim/ Você nada está me devendo/ Por isso, meu bem, não entendo/ Por que anda agora falando de mim*. Chico ri. “Só pode ser piada. Coitada da música. Não vou alimentar isso pois pode parecer que quero me promover”, comenta.

**Política** Na verdade, o compositor de *Apesar de você* está otimista politicamente, mesmo depois que seu candidato, Lula, perdeu as eleições para o agora desafeto FHC. “O tal pensamento único neoliberal está chegando ao fim. As eleições europeias mostraram uma volta da centro-esquer-

da ao poder. Há uma contestação evidente”, analisa. O que incomoda um dos artistas mais combativos da ditadura militar é a esquizofrenia política tropical. “A direita se recusa a ser de direita e coopta setores de esquerda. Aí a esquerda moderna está com a direita que não é direita. E está no poder. E a esquerda que não aderiu ao poder é retrógrada. É preciso paciência.” Não aquela exigida aos usuários de computador. ■

Colaborou Celina Côrtes (RJ)



**PRECIOSISMO** Letras das canções corrigidas e lapidadas à mão e a planta que fez de uma cidade imaginária



REPRODUÇÕES: PEDRO AZULSON

mengo?” Incapaz no entanto de matar uma barata, Chico Buarque é, segundo a filha mais velha, a atriz Silvia Buarque, fruto de uma geração dependente das mulheres. “Aposto que nunca trocou minhas fraldas. Ele não é de entrar numa loja para comprar roupas. Minha mãe sempre cuidou do vestuário dele e nunca o vi de gravata”, enumera uma bem-humorada Silvia, provocando o pai. Em compensação, sempre foi solícito e cansou de carregar a sua mulherada para